

Ano 1

NÚMERO 3

Dezembro de 2025

A indústria de transformação patina no segundo semestre

A indústria de transformação brasileira, em 2025, não repetirá os bons resultados de 2024 e, por mais um ano, permanecerá longe do seu melhor momento, em 2012. Se problemas de longo prazo permanecem como obstáculos, o curto prazo oferece as razões mais importantes para o modesto desempenho fabril neste ano. Dentre eles, destaca-se a elevadíssima taxa básica de juros (15% a.a.) que consumiu, em 2024, 31,9% de toda receita do Governo Central e permite existir uma taxa de juros real acima de 10% a.a. Sucintamente, um percentual que inviabiliza grande volume dos investimentos necessários ao país, sejam eles privados ou públicos.

Sob esse tácio, a indústria de transformação mostrou sinais de stress já no final de 2024 que, confirmados em 2025, iniciaram intenso declínio do ISEI (Índice ABDI de Sustentabilidade da Expansão Industrial). Assim, como mostra o Gráfico 1, o **ISEI**, que cresceu desde meados de 2023 e alcançara os maiores valores no segundo semestre de 2024, chegando a 104,0 pontos em novembro, a partir de janeiro de 2025 deixou evidente que o impulso de expansão da indústria diminuiu a cada mês até o patamar atual: 98,3 pontos. Isto é, abaixo de 100, indicando elevado risco de desempenho negativo nos próximos meses.

O quadro se tornou especialmente preocupante, porque, a partir de março, por questões sazonais, espera-se que o setor fabril obtenha seu melhor desempenho, crescendo sua produção até outubro. Os números da PIM-PF, para a série sem ajuste sazonal indicam, todavia, que, em 2025, o pico de produção foi alcançado em julho, a partir de quando permaneceu estável. Para a série com ajuste sazonal, a desaceleração da atividade é ainda mais visível, pois, desde abril, a produção está no mesmo patamar. Ou seja, muito cedo no ano, a produção industrial brasileira parou de crescer.

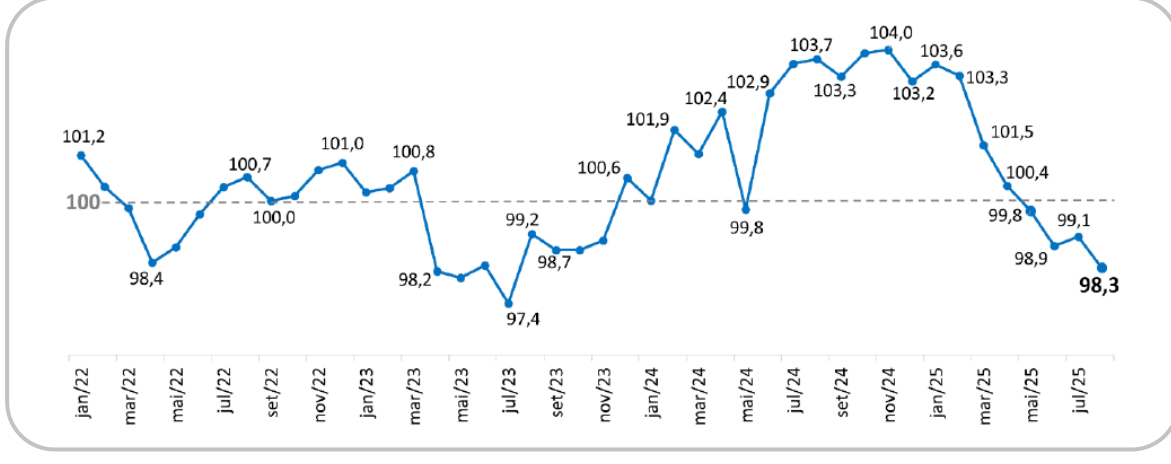
Nesse sentido, o **ISEI** confirma que a indústria de transformação brasileira enfrenta grave estresse, incapaz de reagir aos problemas causados pela elevadíssima taxa de juros e a reconfiguração da distribuição internacional do trabalho, cujo maior expoente é a China.

Apesar disso, chama a atenção que a mesma indústria de transformação tenha gerado 288,9 mil postos líquidos de trabalho entre janeiro e setembro de 2025, totalizando novo recorde histórico de estoque de emprego na atividade: 8,4 milhões de trabalhadores.

Isso pode significar que setores intensivos em mão de obra estão crescendo mais rápido do que setores intensivos em capital, com consequências sobre a produtividade da economia.

ISEI
98,3
pontos

Gráfico 1 – Evolução do Índice ABDI de Sustentabilidade da Expansão Industrial (ISEI), janeiro/2022 a agosto/2025 (em pontos)



Fonte: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA) / ABDI

A demanda sustenta o crescimento industrial, mas já mostra sinais de esgotamento

Os indicadores da produção fabril brasileira repercutem o cenário delicado da economia nacional. Há um ambiente repleto de desafios, onde se destaca a elevadíssima taxa de básica de juros e a reconfiguração da divisão internacional do trabalho, refreando a expansão da indústria de transformação a partir do desestímulo ao investimento.

Ao mesmo tempo, a demanda continua a expandir-se, sustentada nos muito bons resultados do mercado de trabalho, que avança na elevação do rendimento médio real da mão de obra e na menor taxa de desocupação da série histórica (**ver Boletim Conjuntura Industrial n.3**).

Diante disso, é importante identificar quais potências deixaram de sustentar a expansão industrial do Brasil ao longo de 2025. Para isso, os três subíndices que compõem o **ISEI** (o **ICED**, o **IQCI** e o **ICE**) representam três dimensões fundamentais, capazes de explicar a dinâmica da produção fabril nacional e a recente perda de vigor.

Gráfico 2

Evolução do ICED, janeiro/2022 a agosto/2025 (em pontos)

